

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

NEYCIKELE SOTERO ARAÚJO

**PERCEPÇÕES E DOBRAS CONCEITUAIS EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL
NA COMUNIDADE DE ARTESANATO DE CARQUEIJO**

SOBRAL – 2018

NEYCIKELE SOTERO ARAÚJO

**PERCEPÇÕES E DOBRAS CONCEITUAIS EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL
NA COMUNIDADE DE ARTESANATO DE CARQUEIJO**

Artigo apresentado ao curso de Administração da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Esp. Heráclio Antonio Bastos da Silva

**PERCEPÇÕES E DOBRAS CONCEITUAIS EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL
NA COMUNIDADE DE ARTESANATO DE CARQUEIJO**

Artigo apresentado ao curso de Administração da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Neycikele Sotero Araújo

Artigo apresentado em: ____/____/____

Orientador: _____

Prof. Heráclio Antonio Bastos da Silva, Esp. (UVA)

1º Examinador: _____

Prof. Eduardo Dias, Ms. (UVA)

2º Examinador: _____

Prof. Francisco Leon Torres de Sousa Esp. (Convidado, STDE/PMS)

Coordenador do curso:

Prof. Eduardo Dias

PERCEPÇÕES E DOBRAS CONCEITUAIS EM EMPREENDEDORISMO SOCIAL NA COMUNIDADE DE ARTESANATO DE CARQUEIJO

RESUMO

Sabe-se que nos últimos dez anos, no Brasil, o contexto social e econômico tem favorecido o desenvolvimento de conceitos ligados ao empreendedorismo social, tendo como base o conhecimento em gestão e princípios de administração, mesmo com as muitas diferenças regionais e dificuldades em recursos. Uma percepção empírica sobre esse tema sugere que, apesar do avanço de estudos e ações em empreendedorismo social, faz-se necessário observar melhor como esse conceito se mostra em nossa realidade local. O estudo propõe observar e identificar o empreendedorismo social numa comunidade do interior do Ceará, em seu contexto à luz da administração, afim de contribuir para estudos futuros e para uma gestão sustentável de comunidades socialmente empreendedoras, que permitam inclusão social, conexas a cultura local. A pesquisa foi realizada na comunidade de artesanato do Carqueijo localizada no município de Mucambo - CE, por meio de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva e de natureza qualitativa, tendo como achado, na análise de dados e informações, um recorte que sugere um ambiente de gestão e desenvolvimento do conceito empreendedorismo social ainda incipiente, em desdobramentos e aplicações desse conceito, numa realidade que ainda se mostra carente de recursos e capital social, mesmo tendo pequenos aportes ao longo dos últimos dez anos.

Palavras-chave: Artesanato; Empreendedorismo social; Geração de renda; Inclusão social.

"A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos."
Marcel Proust (escritor francês)

1. INTRODUÇÃO

O Brasil se mostra um país multicultural, com dimensões continentais, onde cada região se caracteriza por culturas, recursos e mercados, por vezes, divergentes e com demandas próprias na forma de se empreender, conduzir organizações e ambientes de trocas, um Brasil "multiempreendedor".

Nesse contexto, pode-se observar que essa dimensão pode provoca problemas sociais e econômicos mesmo que se empreenda socialmente, frente aos desafios de desigualdade social, necessitando que as comunidades empreendedoras locais se reinventem em sua gestão

de negócio. Sabe-se que no Ceará ainda há regiões onde a população se mostra carente no acesso aos direitos básicos (educação, saúde, alimentação, habitação, trabalho etc.), refletindo em mercados locais com baixo poder produtivo e aquisitivo, onde o governo local, geralmente, falha no fomento em estrutura e recursos à produção e comércio, mesmo que de subsistência, seja para o artesanato ou outros produtos, semi industriais.

Deste modo, pode-se observar, vez por outra, líderes comunitários empreendedores, em meio a oportunidades de mercado, que surgem com propostas inovadoras pelo crescimento e desenvolvimento de seu lócus, no que pode-se entender como empreendedorismo social.

Junto a produção de textos e artigos, a pesquisa entende que no empreendedorismo social uma comunidade pode desenvolver habilidades, atitudes e competências em gestão e produção, mesmo que artesanal, para transformar os problemas em oportunidades de desenvolvimento social e econômico, tendo na práxis da administração meios para realizar empreendimentos. Portanto, este estudo tem como objetivo observar e identificar um recorte de uso do conceito de empreendedorismo social, e seus desdobramentos, no ambiente de uma produção de artesanato, no pressuposto de que o contexto local possa influenciar a organização e gestão, favorecendo, ou não, uma comunidade economicamente produtiva a empreender de forma social, inclusiva, se reinventando, sendo sustentável.

O trabalho se compõe em duas partes, na primeira por meio de levantamento bibliográfico sobre os temas empreendedorismo e empreendedorismo social, na segunda por meio da observação, identificação e análise da gestão da comunidade, em sua organização e condução de empreendedorismo social, em relatos de experiências na produção e comércio de artesanato de tear.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é caráter descritivo. Esse tipo de pesquisa, segundo Selltiz et al. (1965 apud OLIVEIRA, 2011, p. 21), “busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.”

Quanto a abordagem optamos pela pesquisa qualitativa, que conforme GODOY (1995, p. 62-63 apud FERREIRA, 2015, p. 116) tem os seguintes objetivos:

O estudo empírico é realizado no seu ambiente natural, pois os fatos sociais têm que ser observados e analisados inseridos no contexto ao qual pertencem, através de contato direto, desempenhando o pesquisador um papel fundamental na observação, seleção, consolidação e análise dos dados gerados; como os diferentes tipos de dados existentes na realidade são considerados importantes para a compreensão do fenômeno social em estudo, o pesquisador realiza entrevistas, reúne fotografias, desenhos e depoimentos e outros dados que ajudam na descrição do fato; o trabalho é realizado com base na perspectiva que as pessoas pesquisadas têm sobre o objeto de estudo; a análise dos dados computados é feita de forma indutiva e, ao longo dela, dá-se a construção paulatina do quadro teórico.

Os procedimentos técnicos utilizados neste estudo foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica foram consultados artigos da internet, revistas, livros, bem como periódicos especializados sobre o tema investigado. Quanto a pesquisa de campo, de acordo com Gil (2002, p. 52 apud TEIXEIRA, 2009, P. 118) “é basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do ocorrem naquela realidade.”

Portanto, o trabalho de campo foi desenvolvido por meio da realização de visitas a comunidade dos artesãos, com o objetivo de conhecer o cotidiano local e a prática do empreendedorismo social desenvolvida pela associação. Por meio da observação direta percebemos características específicas da comunidade e de seus moradores. Foram aplicadas entrevistas para coleta de dados, conforme Haguette (1997, p.86 apud BONI e QUARESMA, 2005, p.5) a entrevista é um

Processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos.

As entrevistas foram aplicadas durante o mês de fevereiro e abril de 2018. Ao todo foram entrevistados 6 artesãos, entre adultos e jovens. As entrevistas foram realizadas nas casas dos artesãos, e para captar a imagem e som foi utilizado uma filmadora. Quanto ao roteiro utilizado, optou-se por um roteiro semiestruturado. Segundo BONI e QUARESMA os roteiros semiestruturados (2005, p.8)

Combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Os instrumentos de pesquisa adotados permitiram observar o empreendedorismo social na Comunidade de artesanato do Carqueijo em conexo com seu entorno, numa atividade que pode-se perceber guiada por tradições, e que podem influenciar a forma de organizar e gerir um empreendimento, observando que muitos dados e informações se mantêm na informalidade, sendo necessário instrumentos de pesquisa que explorem as memórias e as práticas locais em organização e gestão.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Dobras conceituais do empreendedorismo

Segundo Baggio (2014) a expressão empreendedorismo veio da expressão da língua inglesa *entrepreneurship*, que é composta da palavra francesa *entrepreneur* e pelo sufixo inglês *ship*, e significa “aquele que se compromete com um trabalho ou uma atividade específica e significante”. (OLIVEIRA, 2003, p.180)

De acordo com Baggio (2014) a figura do empreendedor é apresentada pela primeira vez no século XVIII na obra “Ensaio sobre a natureza do comércio em geral”, escrita pelo banqueiro Richard Cantillon. Nessa obra, Cantillon descreveu que o empreendedor era aquele que possui a “predisposição para assumir riscos em condições de incerteza, associada à capacidade de inovar à procura de lucro.” (BAGGIO, 2014, p.48)

Anos depois, o economista francês Jean-Baptiste Say “reintroduziu a importância da figura do empreendedor na obra Tratado de Economia Política, publicada em 1803.” (BOSE, 2012, p.48). Segundo Bose, nessa obra, Say apresenta o empreendedor como um quarto fator de produção, afirmando que ele é tão relevante quanto o capital, a terra e o trabalho.

Para Say, o empreendedor tem papel essencial na dinâmica de crescimento da economia, tendo como principal característica a habilidade de reunir, planejar e combinar os diferentes meios de produção para oferecer novos bens. A partir dessa abordagem, o termo *entrepreneur* passou a ser designado para pessoas que estimulam o progresso econômico, buscando novas e diferentes formas de fazer as coisas. (BOSE, 2012, p.49)

Assim, percebe-se que a prática do empreendedorismo vem estimular a sociedade a pensar novas formas de criar bens e serviços que atendam as demandas do mercado, estimulando a geração de riqueza.

De acordo com a literatura pesquisada sobre o tema empreendedorismo, os teóricos clássicos sobre o assunto são: Jean Baptiste Say, já citado anteriormente, que dizia que o empreendedor “gera valor”, promove a inovação; e o economista americano Joseph Schumpeter que criou o termo “processo criativo-destrutivo”, para dizer que o empreendedor é um agente de mudanças e que seu papel é “reformular ou revolucionar o modelo de produção”. (DEES, 2002, p. 2 apud OLIVEIRA, 2003, p.181). Agregando mais sentido ao termo empreendedorismo, os teóricos contemporâneos Peter Drucker e Howard Stevenson, complementam o conceito afirmando que o empreendedor é um sujeito que busca oportunidade e tem a capacidade de movimentar recursos e pessoas.

Conforme os estudos de Stevenson (1990, p.18 apud SILVIA, 2009, p.16), o empreendedorismo é classificado a partir de três linhas de conhecimento: a primeira é formada por economista cujo o interesse está voltado para os resultados das ações empreendedoras, ou seja, a linha aborda "o que acontece quando os empreendedores agem"; a segunda é formada por a psicológica e sociológica que analisa o perfil do empreendedor, buscando conhecer seu passado, suas motivações, seu ambiente e valores; e a linha terceira é construída por administradores que buscam conhecer a habilidades gerenciais e administrativa, as técnicas, as ferramentas e todo o instrumental utilizado pelos empreendedores. As três linhas se complementam quando busca-se conhecer os resultados gerados a partir da prática empreendedora.

A pesquisa bibliográfica aponta que o empreendedorismo no Brasil intensificou-se na década de 90. De acordo com Dornelas (2008 apud OLIVEIRA, 2004, p.3) essa prática apareceu “em uma época em que não havia estabilização econômica, e grandes empresas precisaram fazer redução de custos, optando pelo corte de trabalhadores, o que gerou uma grande taxa de desemprego”. A partir dessa realidade, as pessoas desempregadas, buscando formas de manter seus lares, resolveram empreender e criar novos negócios. Conforme Dorneles (2003) todo empreendedor apresenta os seguintes aspectos:

1) paixão pelo que faz; 2) utiliza os recursos disponíveis de forma criativa transformando o ambiente social e econômico onde vive; 3) aceita assumir os riscos e a possibilidade de fracassar. (DORNELAS, 2003, p. 37 apud OLIVEIRA, 2003, p.271)

Quanto aos tipos de empreendedores, de acordo com Pessoa (2005) os principais tipos são: o empreendedor corporativo, aquele que atua no ambiente interno da empresa; o empreendedor start-up, aquele que cria novos negócios a partir da análise do cenário e da oportunidade; e o empreendedor social que é aquele que cria empreendimentos com missão social para solucionar algum problema comunitário e promover a inclusão.

3.2. Empreendedorismo Social: uma abordagem empreendedora para os problemas sociais

De acordo com Oliveira (2003) o conceito de empreendedorismo social foi construindo ressonância, porém sua prática é realizada há muito tempo por diversas personalidades. Baggio (2014) confirma que o conceito está em desenvolvimento, contudo o fenômeno possui características, princípios e valores próprios.

Conforme Oliveira (2003), alguns autores apontam que o empreendedorismo social é uma vertente do empreendedorismo, porém tendo “uma abordagem empreendedora para os problemas sociais” (DEES, 2002, p. 1 apud OLIVEIRA, 2003, p.180).

De acordo com a pesquisa bibliográfica o termo empreendedorismo social aparece no cenário mundial nos anos 1990. Conforme Oliveira (2003) a constatação dos altos níveis de pobreza e desigualdade social na segunda metade do século XX, fazem emergir várias ações de combate à pobreza, nesse período constata-se que entre estas ações em desenvolvimento surge o empreendedorismo social.

Seu emergir é no epicentro dos acontecimentos da década de 90, onde, entre tantos fatores, chama à atenção o crescimento das organizações do Terceiro Setor, face ao desmonte das políticas sociais e o crescimento da problematização das questões sociais em nosso país e no mundo. (OLIVEIRA, 2003, p. 474)

De acordo com Bose (2012, p.51) a “expressão *Terceiro Setor* começou a ser usada nos anos 70 nos EUA para identificar um setor da sociedade no qual atuam organizações sem fins lucrativos, voltadas para a produção ou a distribuição de bens e serviços públicos.” O

terceiro setor, formado por entidades da sociedade civil de fins públicos e sem objetivo de lucro, surge para agir em um campo que o Estado (primeiro Setor) é ineficiente e o setor privado (segundo Setor) não tem interesse, pois sua natureza visa o lucro. Conforme definição do Banco Mundial (1997) o terceiro setor realiza atividades voltadas para redução do sofrimento humano, proteção do meio ambiente, promoção dos serviços básicos e desenvolvimento de comunidades.

Para Oliveira (2003) o empreendedorismo social emergiu a partir de quatro fatores, são eles:

- 1) desenvolvimento econômico globalizado, conjuntamente com o crescimento dos problemas sociais; 2) crescimento das organizações sem fins lucrativos nas décadas de 60 e 70; 3) ineficiência da ação governamental, das organizações e da filantropia na resolução dos problemas sociais; 4) crescimento do chamado setor sem fins lucrativos, ou Terceiro Setor a partir da década de 1990 e, conseqüentemente, a redução de fontes e recursos de financiamento, o que conduz a busca de uma nova lógica de gestão para autosustentabilidade destas organizações e suas missões. (OLIVEIRA, 2003, p.201)

O empreendedorismo social atua no campo do terceiro setor, utilizando o conhecimento gerencial advindo da prática empreendedora para solucionar problemas sociais e promover a sustentabilidade nas comunidades. Conforme Oliveira (2003, p. 201) “empreendedorismo social traz do campo empresarial ferramentas de grande potencial para a elevação da qualidade da gestão destas organizações”. No quadro a baixo pode-se observar as diferenças entre o empreendedorismo “privado” e o empreendedorismo social.

Quadro 1 - Comparação entre empreendedorismo privado e o empreendedorismo social

Empreendedorismo privado	Empreendedorismo social
1) É individual	1) É coletivo
2) Produz bens e serviços para o mercado	2) Produz bens e serviços para a comunidade
3) Tem foco no mercado	3) Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais
4) Sua medida de desempenho é o lucro	4) Sua medida de desempenho é o impacto social
5) Visa satisfazer necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades do negócio	5) Visa resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las

Fonte: Oliveira (2003) adaptado de Melo Neto e Fróes (2002)

Ao analisar o quadro comparativo, percebe-se que o empreendedorismo social difere do empreendedorismo “privado” nos seguintes aspectos: os bens e serviços são desenvolvidos para solucionar problemas sociais, e não para gerar lucro; a solução das questões sociais é o objetivo a ser alcançado e seu público-alvo está voltado para os segmentos populacionais em situações de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida) e não para os mercados consumidores, e tem como principal eixo de atuação a comunidade.

A Fundação Schwab para Empreendedorismo Social, fundada em 1998, com sede na Suíça é uma das instituições que fomenta a prática do empreendedorismo social e conceituam tal fenômeno como:

São agentes de intercambiação da sociedade por meio de: proposta de criação de ideias úteis para resolver problemas sociais, combinando práticas e conhecimentos de inovação, criando assim novos procedimentos e serviços; criação de parcerias e formas/meios de auto-sustentabilidade dos projetos; transformação da comunidade graças às associações estratégicas; utilização de enfoques baseados no mercado para resolver os problemas sociais [...] (OLIVEIRA, 2003, P. 31)

No Brasil, o termo empreendedorismo social, segundo Oliveira (2003), começa a surgir de forma mais contínua a partir de 2002, através da ONG Ashoka¹, organização pioneira no campo da inovação social e no apoio aos empreendedores sociais. A ONG foi fundada em 1981, na Índia, por Bill Drayton com o objetivo de “criar uma instituição que apoiaria indivíduos dinâmicos com ideias inovadoras e, ao mesmo tempo, práticas, capazes de provocar mudanças sociais abrangentes”. (OLIVEIRA, 2003, p. 284)

De acordo com Bacq e Janssen (2011 apud MENDONÇA et. al, 2015, p.6), uma organização de empreendedorismo social é caracterizada por dois principais elementos: a missão social e a estratégia empreendedora, ou seja, a aplicação de conhecimentos e habilidades de negócios baseados no mercado para resolver problemas sociais através de organizações sem fins lucrativos.

Quanto à prática do empreendedorismo social, conforme Oliveira (2008 apud MENDONÇA et. al., 2015, p.7) pode ser indicado dois tipos de organização: a *sustentadora* que age recrutando, mantendo e capacitando o empreendedor social; e a *interventora local* que “busca executar e aprimorar os conhecimentos técnicos que envolvem a gestão e a inovação no campo social”.

¹ A organização atua em rede, com escritórios em lugares centrais e chaves em cada região do planeta. Atualmente está presente em 40 países, onde recruta indivíduos com ideias inovadoras voltadas para a solução de problemas sociais e oferece bolsas para manutenção do projeto e capacitação profissional.

Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo paradigma. O objetivo não é mais o negócio do negócio (...) trata-se, sim, do negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado a sua estratégia. (MELO NETO & FRÓES, 2002, p. 15 apud OLIVEIRA, 2003, p. 212)

Segundo Dess (1998 apud OLIVEIRA, 2004, p.3) os elementos básicos que caracterizam o empreendedor social são:

- 1) São agentes de mudança no setor social: atacam as causas dos problemas ao invés de tratar simplesmente dos sintomas; buscam criar mudanças e melhorias sustentáveis;
- 2) Adotam uma missão de gerar e manter valor social: o impacto social é a medida principal, procuram retornos sociais de longo prazo em seus investimentos;
- 3) Identificam e buscam novas oportunidades: empreendedores enxergam oportunidades onde outros veem problemas, os empreendedores sociais não são guiados simplesmente pela percepção de uma necessidade social ou pela sua paixão, ao invés disso têm uma visão de como alcançar melhorias e são persistentes, determinados para fazer a visão funcionar;
- 4) Engajam num processo de inovação, adaptação e aprendizado contínuo: procuram caminhos inovadores para garantir que os seus empreendimentos tenham acesso aos recursos pelo tempo que estiver gerando valor social.
- 5) Agem arrojadamente sem se limitar pelos recursos disponíveis: usam eficientemente os escassos recursos e conseguem atrair contribuições de terceiros por meio de parcerias e colaborações.

Observa-se a partir dos apontamentos do autor que a prática do empreendedorismo social busca a inclusão de grupos de baixa renda na cadeia produtiva, incentivando iniciativas criativas para promoção do desenvolvimento local. Segundo Melo Neto e Fróes (2002 apud Oliveira 2003) essa prática busca “transformar a realidade social” com base nos seguintes pressupostos fundamentais:

Reflexão junto às comunidades; criação e desenvolvimento de soluções antes impossíveis de inserção social em seu sentido mais amplo; existência do exercício pleno da cidadania; enfoque da sociedade em termos de geração de renda, produtividade, justiça social e ética; estabelecimento de novas parcerias, com a total integração entre governo, comunidade e setor privado; foco na melhoria da qualidade de vida dos atores sociais; reversão do distanciamento entre economia, sociedade e ética; incremento de práticas sociais empreendedoras e reforço da solidariedade social local. (MELO NETO e FRÓES, 2001, p. 31 apud OLIVEIRA, 2003, p.219)

Para que a prática do empreendedorismo social gere o impacto social desejado é preciso superar alguns desafios encontrados. Oliveira (2003) em sua pesquisa de doutorado

sobre o empreendedorismo social no Brasil apontou três desafios para o desenvolvimento dessa prática em nosso país, são eles: o *estoque de capital social*², pois apesar de a sociedade brasileira dá sinais de ser solidaria, ainda carregamos em sua cultura o individualismo, onde a capacidade de ser cooperado é ainda um processo de aprendizado que precisa ser estimulado; a *pobreza perceptiva*, esse desafio está atrelado ao desafio do capital social, pois é preciso da participação de todos os seguimentos da sociedade para alterar essa realidade. E por último, o *empoderamento*, que caracteriza a sensibilização, mudança de valores, encorajamento das pessoas para participar e agir coletivamente.

[...] Sem uma sociedade consciente de suas limitações e possibilidades, assim o empreendedorismo social terá grandes problemas de se expandir, pois, como vimos, sua base de ação depende da participação de todos os seguimentos da sociedade, o que significa alterar profundamente a visão e percepção dos atores de nossa sociedade, tarefa essa nada fácil. (OLIVEIRA, 2003, p. 464)

Entende-se, então, que para que o impacto social desejado pela ação do empreendedorismo social seja de fato efetivado é preciso promover a mudança de comportamento da comunidade, desenvolver processos de participação e engajar as pessoas, valorizar as culturas locais, fomentar a autogeração de renda e emprego, bem como promover “uma mudança nos sistemas de educação, de comunicação e de gestão social”. (OLIVEIRA, 2003, p. 465)

A partir dos conceitos apresentados, pode-se compreender o surgimento da prática do empreendedorismo social e como a mesma através de estratégias empreendedoras, conseguiu desenvolver organizações sem fins lucrativos que atuam no fomento de ações inovadoras para solucionar problemas sócias. Os pontos discutidos nesse tópico ajudarão na análise das fontes coletadas na pesquisa de campo, onde será cruzado os conceitos apresentados pelos teóricos com as práticas observadas na comunidade de artesanato de Carqueijo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1.Contextualização do cenário municipal

² O termo capital social pode ser analisado sob suas perspectivas, a contabilística e a sociológica. Na visão sociológica, de acordo Stoeckicht e Soares (2010), o termo capital social refere-se as redes de relacionamento baseadas na confiança, cooperação e inovação que são desenvolvidas pelos indivíduos dentro e fora da organização.

O município de Mucambo está localizado no noroeste do Estado do Ceará, aproximadamente 281,9 km da capital Fortaleza, situando macrorregião de Sobral e Ibiapaba. No ano de 2010, segundo dados do IBGE, a população total passou a 14,1 mil habitantes, sendo 64% residentes na zona urbana e 36% habitantes na zona rural. Os distritos de Carqueijo e Poço Verde, concentram a maior taxa populacional na zona rural.

Para conhecer o nível de desenvolvimento local, buscou-se analisar os dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), pois esses tipos de dados “pode oferecer uma visão sintética sobre algumas das questões-chave do desenvolvimento humano no município” (ATLAS, 2013). O IDHM foi criado em 1998 e é uma adaptação da metodologia do IDH³ Global e refletem as especificidades e desafios dos municípios brasileiros. O índice aferir o progresso do município a partir de três dimensões: saúde, educação e renda, as mesmas dimensões consideradas pelo IDH Global, com variações entre 0 (valor mínimo) e 1 (valor máximo). No quadro a baixo é apresentado a variação dos níveis de desenvolvimento humano municipal.

Quadro 2 - Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal

Valor	Níveis
Entre 0 - 0,499	Muito Baixo Desenvolvimento Humano
Entre 0,500 - 0,599	Baixo Desenvolvimento Humano
Entre 0,600 - 0,699	Médio Desenvolvimento Humano
Entre 0,700 - 0,799	Alto Desenvolvimento Humano
Entre 0,800 e 1	Muito Alto Desenvolvimento Humano

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano do Brasil.

Percebe-se no quadro 2 que quanto mais próximo do numeral 1, maior o desenvolvimento humano de um município, ou seja, maior o progresso na educação, com pessoas alfabetizadas e capacitadas; na saúde com um nível elevado bem-estar e longevidade e na geração de renda, onde as pessoas capacitadas e saudáveis conseguem trabalhar em melhores condições e/ou criar novos empreendimentos. Ao observar os dados do município de Mucambo entre os anos 1991 a 2010, encontra-se os seguintes índices:

³ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida composta de indicadores de saúde, educação e renda, como objetivo de servir como uma referência para o nível de desenvolvimento humano de uma determinada localidade. Foi criado em 1990, para o Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a partir da perspectiva de Amartya Sen e Mahbub ul Haq de que as pessoas são a verdadeira "riqueza das nações", criando uma alternativa às avaliações puramente econômicas de progresso nacional, como o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

**Quadro 3 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes
Município – Mucambo-CE**

IDHM e componentes	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,111	0,289	0,541
IDHM Longevidade	0,572	0,700	0,732
IDHM Renda	0,390	0,475	0,565

Fonte: PNUD, Ipea e FJP apud Atlas (2013)

Observa-se que o nível de educação e de renda, entre os anos de 1991 e 2000 cresceram timidamente e representam níveis muito baixos de desenvolvimento humano. Isso é reflexo da conjuntura econômica brasileira nesses anos que passou por instabilidade e provocou altas taxas de desemprego e ausência de investimento do governo.

No ano de 2010 percebe-se um crescimento ínfimo no índice de IDHM nas três dimensões, que tira o município da nível de muito baixo para o nível baixo de desenvolvimento humano. A partir desses dados, observa-se que o município, devido seu contexto local e, possivelmente, más gestões, apresenta dificuldades para se desenvolver. Os baixos níveis dos indicadores de educação e renda sinalizam o pouco investimento nessas áreas nos últimos anos e refletem os problemas e limitações do município para promover o desenvolvimento local.

O empreendedorismo social encontra nesses pontos fracos o campo fértil para desenvolver projetos que minimizem ou solucionem os problemas sócias e promovam a mentalidade empreendedora comunitária.

4.2. Empreendedorismo social na Comunidade de artesanato de Carqueijo: quando os grupos se tornam organizações

O distrito do Carqueijo, como mencionado anteriormente, fica na zona rural do município de Mucambo, seu desenho urbanístico é composto por uma igreja central, com uma praça e várias casas no entorno da igreja. Com passar dos anos o povoado cresceu e hoje encontra-se em média 150 famílias morando no lugar. Segundo os moradores locais, o nome da comunidade vem da planta chamada carqueija, que antigamente era encontrada em abundância na região. A principal atividade econômica de Carqueijo é o artesanato, a maioria dos moradores trabalham com a tecelagem, prática herdada dos primeiros moradores do povoado.

O artesão Isaias Martins de Sousa de 60 anos, nascido na comunidade, frequentou a escola até o segunda série. Em seu depoimento conta que aprendeu a arte de tecer fios com sua avó e sua mãe. Foi através dessa vocação local que ele vislumbrou na comunidade uma forma de desenvolver o lugar e gerar renda para os moradores.

"A cultura do Carquejo, antigamente, ela pesava mais na agricultura, só que o ponto forte sempre foi, no passado, a agricultura e o artesanato que era a rede de três pano. Acho que você já deve ter visto uma redinha feita com três pano, foi o forte daqui da região. Aqui a rede de três pano enricou muitas pessoas. [...] eu via a minha mãe, ainda consegui ver a minha vó trabalhando com a rede, ela fiando, ela trazia o algodão da serra, ela descarocava o algodão e daquele algodão ela transformava na rede. [...] Então o que aconteceu, em 1989 eu chegando do Sul para cá, eu vi a pobreza muito grande cantando aqui, dentro desse lugar, a rede três pano já tinha acabado, porque o industrial já tinha tomado todo o espaço. Então, eu começando, comecei aqui com um grupo de senhoras [...] juntei aqui umas 14 mulheres e começamos a transformar da rede no tapete"⁴

Segundo o artesão Isaias, a rede de três panos foi o principal produto confeccionado durante muito tempo pelos artesãos da comunidade. Ao visitar o lugar, pode-se observar que em quase todas as casas se encontra, seja no alpendre ou na cozinha, os teares artesanais, principal ferramenta de trabalho dos artesãos. As marcas dessa tradição deram início, de forma empírica, ao empreendedorismo social na comunidade. Após análise das entrevistas aplicadas com alguns artesãos, percebe-se que o artesão Isaias representou, no início do empreendimento, a figura do empreendedor social, aquele que percebe a oportunidade de crescimento e investi. Segundo Bose (2012, p.51) “a figura do empreendedor social emerge, como liderança capaz de reunir recursos individuais, privados e coletivos para viabilizar o desenvolvimento e a implantação de soluções aos problemas sociais crônicos.”

De acordo com Oliveira (2004 apud COGO, 2015, p.35), o processo de empreender socialmente se inicia:

[...] com a observação de uma determinada situação-problema local, e a partir desse ponto surge um processo de elaboração de uma alternativa para conseguir encontrar a solução. Essa solução deve promover o envolvimento da comunidade, criar impacto social e seja possível avaliar os resultados.

⁴ Entrevista concedida por SOUSA, Isaias Martins de. **Entrevista I** [Fev. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

A situação problema identificada na comunidade foi a falta de trabalho e pouca geração de renda, haja visto que as atividades que geravam renda local era a agricultura e o artesanato, que na época tinha pouca saída.



Figura 1- Análise das entrevistas

A alternativa percebida pelo artesão Isaias foi investir na vocação artesanal que a comunidade tinha, reunindo as mulheres que possuíam o saber do tecer e implantando um novo produto, o tapete. A partir dessa organização dos artesãos, foi possível aumentar a produção e vender os produtos em municípios vizinhos, com o intuito de buscar mercado e parcerias.

Eu sei que a gente começou, cortava aqueles retalhinhos de pano para fazer as pecinhas desse tipo, pequeninha. Eu me lembro que o negócio cresceu quando eu participei de uma FENAIVA em Sobral [...] eu tava numa mesa, num estande de Sobral, quando passou dois, um senhor e uma senhora [...] aí ele olhou as peças, achou muito bonita, aí disse para a empresaria: - Dona Terezinha tá bom de você visitar a comunidade Carquejo que lá tá nascendo uma história. Aí ela: - Tudo bem, eu posso conhecer. Com quinze dias eu recebi uma ligação aqui no Carquejo, ela me fazendo um pedido, naquela época no cruzeiro, no valor de mil cruzeiro. Menino eu achei tanto dinheiro. [...] Eu sei que me compraram e fizeram um pedido logo muito grande, aí eu cheguei aqui animei todo mundo, ficou todo mundo animado.⁵

⁵ Entrevista concedida por SOUSA, Isaias Martins de. **Entrevista I** [Fev. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carquejo, 2018.

A organização do trabalho como forma de atividade artesanal proporciona ao artesão o domínio integral do processo de produção, haja visto que ele é o dono do saber e centro do processo de produção, onde através da experiência vivida e transmitida de geração para geração os produtos ganham um grande valor agregado. Segundo D'Ávila (1983 apud SANTOS, 2010, p.4), o artesanato está diretamente ligado à questão do emprego, como solução de curto prazo para os países em desenvolvimento.

O estímulo à produção artesanal requer baixos investimentos, dando chances a uma imensa parcela da população à participação econômica efetiva. A importância do processo de produção artesanal reside ainda no resgate de valores humanos - habilidades pessoais, subjetividade, criatividade, liberdade de produção, autonomia, beleza – em contraposição aos processos industriais, de mecanização e automação. (SANTOS, 2010, p.4)

Para dá continuidade ao processo de empreender socialmente, o artesão Isaias após identificar a situação problema da comunidade, buscou alternativas para solucionar tão problema.

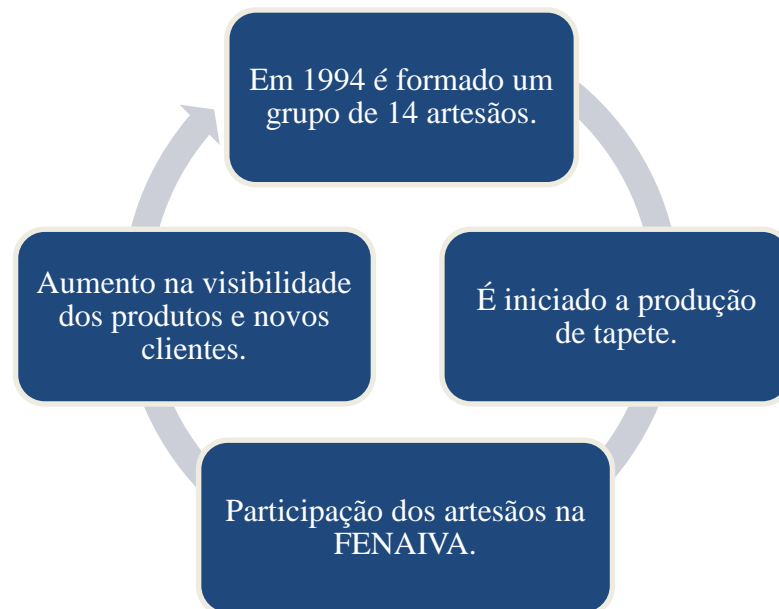


Figura 2- Análise das entrevistas

Através da organização da produção do artesanato local, os artesãos conseguiram aumentar sua produção e introduzir seu produto no mercado local. A artesã Rita Teles Santana

Gomes, 55 anos, há muito tempo aprendeu a tecer e vendia seus produtos apenas para os moradores da comunidade e da cidade de Mucambo, a partir da organização do grupo, ela pode ver seus produtos sendo vendidos em outros mercados.

Minha profissão é fazer artesanato [...] aprendi com a minha mãe, com 9 anos de idade, ela já me ensinou a tecer, nesse tempo era rede de três pano, a gente pegava os novelos de fio, que era a matéria prima, ai desmanchava aqueles novelos fazendo aqueles pano grande, ai passava pro tear e eu tecia só o meio do pano de rede [...] gostei muito de trabalhar como artesã junto com o Gilmar, que foi uma coisa que beneficiou muitas famílias aqui o artesanato, foi uma grande melhoria pra gente. [...] me serviu muito quando eu passei pra trabalhar no artesanato, era eu e meus filhos, aí depois saíram pra trabalhar em Sobral.⁶

As potencialidades comunitárias precisam ser despertadas, para que floresça iniciativas criativas e inovadoras. Organizar as pessoas para trabalhar em função de um objetivo comum é o que caracteriza as organizações de empreendedorismo social, pois a partir dessa união é criada a missão social e as estratégias empreendedoras que ajudaram a realizar essa missão. De acordo com artesão Gilmar Martins de Sousa de 37 anos, o grupo de artesão começou a se fortalecer depois da criação da associação.

Em 1994 formou-se o grupo, em 1997 foi registrado [...] Aí no momento que foi registrada é que começou a se conseguir os projetos da época, porque só se conseguia projeto se criasse a associação, e quem organizou tudo isso foi meu pai, na época eu tinha 14 anos. Aí no mesmo ano conseguiram um recurso do governo do Estado, na época do projeto São José, pra construção de um galpão com todos os maquinários, aí começou os outros apoiadores como o Sebrae e a Ceart apoiando o grupo, a associação.⁷

A criação da associação dos Pequenos Produtores Rurais e Artesãos foi a primeira estratégia empreendedora para incluir a produção dos artesãos no mercado local e fomentar a geração de trabalho e renda. De acordo com Strabeli (2011, p. 11) “muitas comunidades criaram associações para se organizar e lutar pelos direitos à terra, à saúde, à educação e para preservação do meio ambiente e executar projetos de geração de renda, entre outros”. Assim, ficaria mais fácil conseguir parcerias e financiamento para o desenvolvimento da comunidade. Segundo Melo Neto e Fróes (2002, p.12 apud OLIVEIRA, 2003, p. 216), “o objetivo final do empreendedor social é retirar as pessoas da situação de risco social, e, na medida do possível,

⁶ Entrevista concedida por GOMES, Rita Teles Santana. **Entrevista III** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

⁷ Entrevista concedida por SOUSA, Gilmar Martins de. **Entrevista II** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

desenvolver-lhes as capacidades e aptidões naturais, buscando propiciar-lhes plena inclusão”. Observa-se no depoimento da artesã Maria Martins Ferreira, de 62 anos, que a construção de associação foi um divisor de águas para eles.

[...] a minha profissão desde que eu comecei com 10 anos que a minha mãe já trabalhava fazendo rede, artesã, fazendo redes de três panos, eu já ajudava ela, aprendi, continuei. [...] Aí eu continuei fazendo rede, ai foi ficando ruim das redes, não tinha saída, foi ficando ruim, ruim, aí começou a associação, aí veio os projetos, era muito bom. [...] Era bom demais, porque a gente passava muita necessidade, ajudou muito.⁸

Na década de 1990, o governo do Estado do Ceará estava implantando um programa de combate à pobreza rural através de um projeto chamado São José⁹, que tinha como objetivo apoiar os pequenos produtores e grupos comunitários, buscando beneficiar grupos com até 7.500 habitantes, organizados por interesses comuns e representados por suas entidades associativas de ação local. O programa tinha como fonte de recursos financeiros o Tesouro Estadual, Empréstimo junto a instituição financeira internacional, Tesouro Federal e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A associação conseguiu fazer sua inscrição no projeto São José e através da captação desses recursos foi construído um galpão e comprado equipamentos para que os artesãos pudessem produzir em uma escala maior e de forma mais organizada. Contudo, apenas a construção do espaço físico e a aquisição de maquinário não eram suficientes para o sucesso do empreendimento social, também era preciso investir no capital humano, capacitar os artesãos para o aperfeiçoamento dos produtos e criação de novos design, bem como o desenvolvimento da identidade visual que agregaria maior valor nas peças. É nesse momento que a comunidade começa a receber visitas do Sebrae e Ceart¹⁰.

[...] o Sebrae e a Ceart começou a fazer curso de capacitação, de design, cria novos modelos [...] Quando foi em 1997 é inaugurado a fábrica da associação em Carqueijo. Nessa época eu já tinha entendimento do que era fazer produtos diferentes, é tanto que eu pegava a responsabilidade, um cargo de dentro da associação como o de gerente de administrar a produção e tá acompanhando a fazer produtos novos e diferentes dentro da associação.¹¹

⁸ Entrevista concedida por FERREIRA, Maria Martins. **Entrevista IV** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

⁹ O projeto foi criado em 1995 na primeira gestão do governo do Tasso Jereissati. Disponível em: <http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/desenv_local/gerados/des_local_projetosaojose.asp> Acesso em 05 fev. 2018.

¹⁰ A Central de Artesanato do Ceará (Ceart) foi criada em 1979 pelas primeira-dama do estado Luiza Távora, com o objetivo de fomentar, desenvolver e organizar o artesanato cearense.

¹¹ Entrevista concedida por SOUSA, Gilmar Martins de. **Entrevista II** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

De acordo com Oliveira (2008 apud MENDONÇA et. al., 2015, p.7) a prática do empreendedorismo social acontece através de dois tipos de organização: a *organização sustentadora*, que recruta, mantém e capacita o empreendedor social, que aqui está representada pela Ceart e Sebrae; e a *organização interventora local*, que tem a função de executar e aprimorar os conhecimentos técnicos que envolvem a gestão e a inovação no campo social, que está representada pela associação dos artesãos. Percebe-se na fala do artesão Gilmar que a presença do Sebrae e da Ceart na comunidade, colaborou para o aperfeiçoamento da técnica do tear manual e incentivou o espírito empreendedor. Com a formalização da associação, foram cadastrados 40 membros entre mulheres e homens.

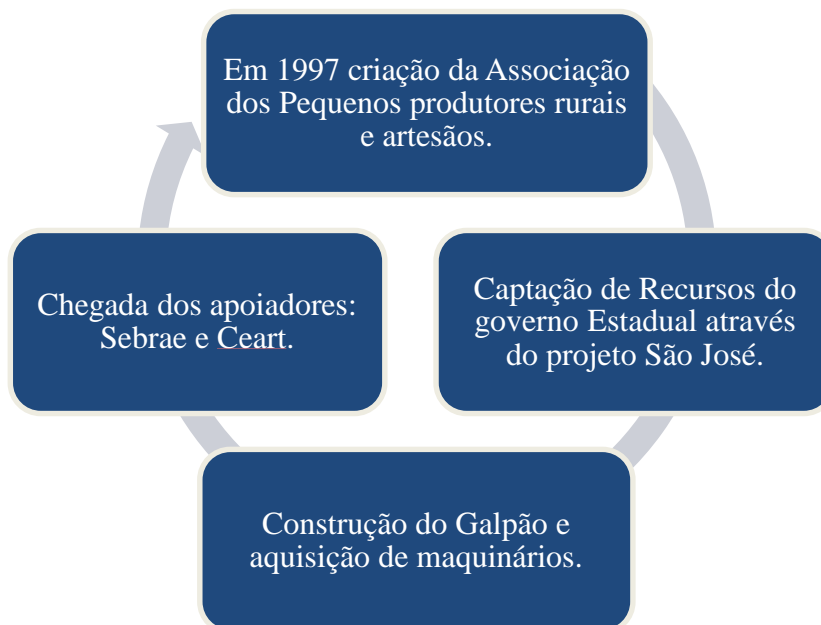


Figura 3- Análise das entrevistas

Observa-se na figura a cima que as soluções encontradas para os problemas identificados, promoveram o envolvimento da comunidade e criaram impactos econômicos e sociais. A busca pela oportunidade, a inovação através da criação de novos produtos e o fortalecimento do capital social, proporcionaram o crescimento e visibilidade da associação de artesanato de Carqueijo. De acordo com os artesãos os eventos e feiras promovidas pelo governo do Estado e pelo o Sebrae não eram apenas oportunidades de venda, mas também de crescimento pessoal do artesão e fortalecimento de uma rede de contatos.

Dentro da prática do empreendedorismo social as redes colaborativas solidárias são essenciais para promoção de oportunidades e articulação dos empreendedores sociais que possuem objetivo comum. De acordo com Olivieri (2003, p.1 apud FERNANDES, 2016, p.3)

Redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de causas afins. Estruturas flexíveis e estabelecidas horizontalmente, as dinâmicas de trabalho das redes supõem atuações colaborativas e se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional para a estruturação social.

A articulação em rede para resolver um problema ou compartilhar os resultados de uma ação empreendedora, fortalece a prática do empreendedorismo social e sustenta a rede de agentes sociais parceiros. O artesão Gilmar nos fala da importância da articulação em rede para o fortalecimento do artesanato.

[...] através dos resultados que nós mostramos na comunidade, alguém acreditou no nosso potencial, pelo fato que hoje o exemplo do Carqueijo tá espalhado em algumas cidades do Brasil e até mesmo fora do Brasil. Hoje nós temos um modelo de projeto lá em cabo Verde, na África, um grupo de mulheres que foi organizadas pelo artesão Gilmar aqui do Carqueijo. Hoje nós temos grupos lá em Guaraciaba do Norte, organizados com exemplo da Comunidade do Carqueijo. Hoje nós temos exemplo de Hidrolândia, buscada aqui dentro do Carqueijo.¹²

A partir do empreendedorismo social desenvolvido na comunidade, percebe-se as mudanças positivas que ocorreram, como a construção do galpão para a tecelagem, a participação dos artesãos em feiras de negócios que proporcionou o aumento da visibilidade e venda dos produtos; e a criação de novos produtos, tais como: kit de jogo americano, kit de tapetes de tamanhos variados, centro de mesas, capa de almofada, redes, luminária e bolsas. Em 2004 foi realizado a primeira feira de artesanato de Carqueijo, onde foi possível reunir artesãos locais e de municípios vizinhos; no mesmo ano um dos artesãos associados foi convidado para participar do intercâmbio de transferência tecnológica entre Brasil e Cabo Verde, onde ensinou o saber fazer da tecelagem para mulheres do Cabo Verde. A associação foi premiada nos anos 2006, 2008 e 2012 com certificado TOP 100 do artesanato brasileiro.

¹² Entrevista concedida por SOUSA, Gilmar Martins de. **Entrevista II** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

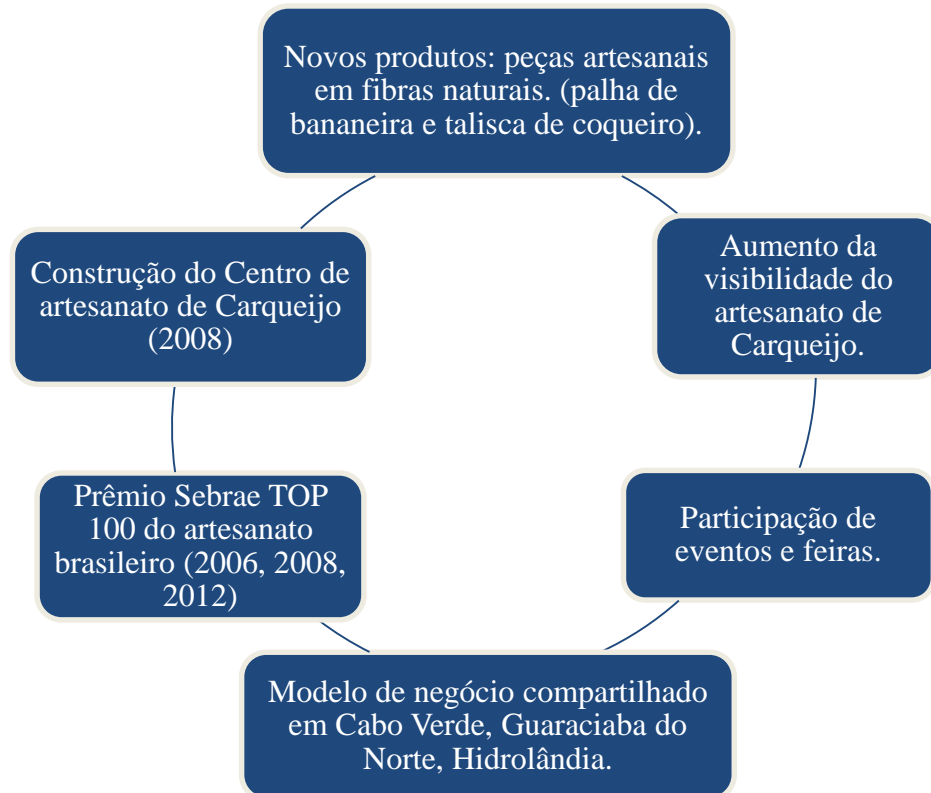


Figura 4- Análise das entrevistas

Percebe-se na figura a cima o impacto econômico ocorrido na comunidade promovido pelo empreendedorismo social. Para o fortalecimento do artesanato local, foi construído na comunidade em 2008 o Centro de Artesanato, com o objetivo de reunir em um único espaço as peças para venda, um salão para reuniões e capacitações e um galpão para os teares. O centro de artesanato também fomentou a visita de turista à comunidade. Observa-se a importância dessas conquistas no depoimento da artesã Rita Teles

“Nós ganhou o primeiro prêmio de melhor artesão. Nós se senti orgulhoso por ter ganhado esse prêmio. Nós não temo ele nas nossa mão, mas tá o retrato lá, quando você chega na loja, você ver. Ali tudo tem um pedacinho de nós.”¹³ [Sic]

Para além dessas conquistas de reconhecimento e valorização do artesanato local e da geração de renda, a ação empreendedora na comunidade de Carqueijo também conseguiu sanar outros problemas existentes no local.

¹³ Entrevista concedida por GOMES, Rita Teles Santana. **Entrevista III** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

“[...] Na época tinha dificuldade de telefone aqui, eu corri atrás usando o nome do artesanato, o nome da comunidade. Melhorias como o abastecimento de água, hoje se tem água aqui encanada nas residências, não foi prefeitura, mas sim através da associação. Algumas casas na época, a pobreza era muito grande, não tinha energia, na época tudo isso o artesanato dava força, de correr atrás, de trazer melhorias pra comunidade, porque não era só tá buscando geração de emprego, pensava também em melhorar, em trazer melhorias pra comunidade, como estrada, que até hoje é o nosso sonho e lutando pra ver se consegui um asfalto que ligue Mucambo ou Cacimbas até Carqueijo, que aí ia se tornar mais visitação e o sonho em si trabalhar no turismo rural”.¹⁴

"Pra mim mudou muita coisa, porque muitos serviços aqui nessa casa foi beneficiado pelo serviço que eu fiz, comprar uma coisa pra casa, comprar primeiramente coisa de comida, esse é o que a gente não pode esquecer. Porque tudo que se entrou aqui era no nome da associação. Se não fosse com a associação, não entrava nada. [...] a associação trouxe muita coisa pra comunidade, tem a Água que foi através da associação, que foi feito o projeto, que é o Projeto São José, foi feito esse galpão que a gente trabalhava, gerou trabalho pra nós. Tinha época que a gente não dava conta, porque era muito, e era muita gente e muito trabalho. Depois diminuiu as pessoas e diminuiu o trabalho".¹⁵

"Através da associação veio a água, que a gente não tinha água encanada".¹⁶

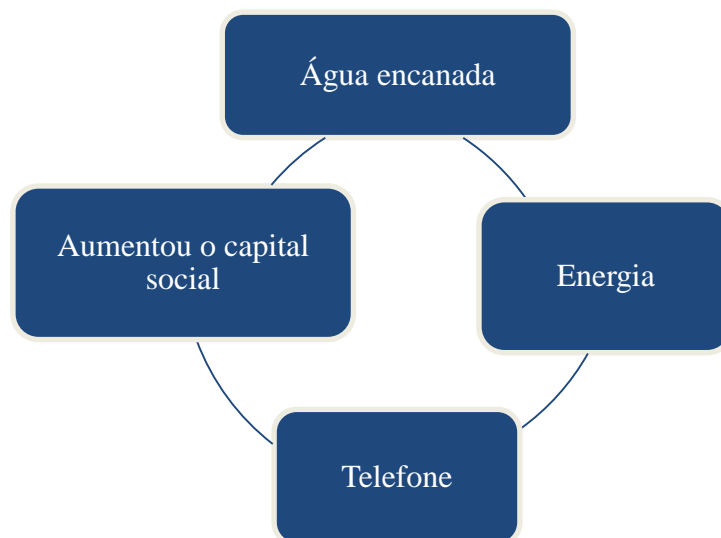


Figura 5 - Análise das entrevistas

¹⁴ Entrevista concedida por SOUSA, Gilmar Martins de. **Entrevista II** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

¹⁵ Entrevista concedida por GOMES, Rita Teles Santana. **Entrevista III** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

¹⁶ Entrevista concedida por FERREIRA, Maria Martins. **Entrevista IV** [mar. 2018]. Entrevistador: Neycikele Sotero. Carqueijo, 2018.

Percebe-se através das falas dos artesãos entrevistados que o desenvolvimento da prática do empreendedorismo na comunidade gerou mudanças significativas, onde pode-se identificar os agentes de mudança, a missão social assumida, as oportunidades aproveitadas e o processo de inovação dos saberes e dos produtos. Mas como nos lembra Oliveira (2003) em sua tese de doutorado sobre *Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias*, para que a prática do empreendedorismo social consiga se desenvolver de forma permanente é preciso gerar o estoque de capital social, bem como incentivar a prática do empoderamento comunitário.

CONCLUSÃO

Este artigo procurou apresentar a prática do empreendedorismo social desenvolvida na comunidade de artesanato de Carqueijo, apresentando os conceitos sobre o tema, bem como seu desenvolvimento na comunidade.

O empreendedorismo social desenvolvido na comunidade de Carqueijo teve como missão social solucionar o problema da falta de trabalho e geração de renda. Através da criação da associação que foi impulsionada pelo artesão Isaias, que assume o papel de empreendedor, os artesãos conseguiram organiza-se e unir forças para solucionar tal problema, dando início a prática do empreendedorismo social.

A partir da produção do artesanato, a comunidade de Carqueijo ganhou apoio e visibilidade, proporcionando o fomento de talentos locais, inserção de grupos de baixa renda na cadeia produtiva e favorecimento da economia local. Assim, durante 14 anos a associação conseguiu promover de forma satisfatória a prática do empreendedorismo social, solucionando os problemas locais e promovendo a inclusão social. Mas, com o tempo o capital social foi diminuindo e enfraquecendo a ação empreendedora. Segundo Melo Neto e Fróes (2002, p.103 apud OLIVEIRA, 2003, p. 226), “sem a força da comunidade, sem a prática de cidadania ativa, projetos de empreendedorismo social tornam-se insustentáveis, definham rumo ao desaparecimento.”

Conclui-se que, o estoque de capital social na comunidade encontra-se insuficiente, e isso acontece devido à falta de envolvimento das novas gerações no trabalho artesanal; o aumento do número de moradores que viajam para outras cidades; o aumento do número de aposentados e o aumento do número de artesãos com algum problema de saúde que impossibilita sua atuação no artesanato. Além do baixo estoque de capital social, percebeu-se a ausência de empoderamento, de emancipação social comunitária, pois durante a pesquisa de

campo, não identificou-se novas lideranças comunitárias e grande parte dos moradores demonstram não ter consciência do poder comunitário.

BIBLIOGRAFIA

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Capital social e empreendedorismo local**. Disponível em: <http://www.redesist.ie.ufrj.br/nts/nt33/F223_SaritaMLucia.PDF>. Acesso em: 22 mar. 2018.

ALVES JR., Maiso Dias; et al. **Gestão nas Organizações do Terceiro Setor: Contribuição para um novo paradigma nos empreendimentos sociais**. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1546.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

ALYRIO, Rovigati Danilo. **Métodos e técnicas de pesquisa em administração**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

ASHOKA. **Empreendedorismo Social**. Disponível em: <<http://www.ashoka.org.br/visao/empreendedorismosocial/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Mucambo-CE**. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/mucambo_ce>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v.1, n.1, p. 25-38, 2014. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/viewFile/612/522>> Acesso em: 15 out. 2017.

BASTOS, Maria Flávia; VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; TEODÓSIO, Armindo dos S. de Sousa. **Redes, Empreendedorismo Social e Negócios Inclusivos: em busca de um modelo compreensivo sobre inovação no combate à pobreza na América Latina**. Disponível em: <http://www.lasociedadcivil.org/wp-content/uploads/2015/09/maria_flavia_bastos_glaucia_maria_vasconcellos_vale_armindo_do_s_santos_de_sousa_teodosio.pdf> Acesso em: 22 mar. 2018.

BONI, Valdete e Sílvia, QUARESMA Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2 n. 1 (3), p. 68-8, jan.-jul./2005.

BOSE, M.; GODÓI-DE-SOUSA, E. **Empreendedorismo social e desenvolvimento social: Desafios e oportunidades**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Monica_Bose/publication/261437779_Empreendedorismo_Social_e_Desenvolvimento_Social_Desafios_e_Oportunidades/links/02e7e53444a3d5ff5b000000/Empreendedorismo-Social-e-Desenvolvimento-Social-Desafios-e-Oportunidades.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BOSE, Monica. **Empreendedorismo social e promoção do desenvolvimento local**. 2012. 182 f. Tese (Doutorado em Administração) – Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRITO, Gisele Ferreira de (org.). **Manual ABNT: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos**. 4ª edição. São Paulo: FECAP Biblioteca Paulo Hernesto Tolle, 2014.

CIDADE-BRASIL. **Município de Mucambo**. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-mucambo.html>>. Acesso em: 31 out. 2017.

COGO, Leticia. **Empreendedorismo social: uma análise do impacto em jovens em situação de vulnerabilidade social da cidade de Ribeirão Preto (SP)**. 2015. 115 f. Monografia (Graduação em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

CONTI, Rafael Augusto de. **A Associação como instrumento de transformação social e seus elementos constitutivos de acordo com a Constituição Federal e o Código Civil**. Disponível em: <<https://rdc.pro.br/Artigos/A-Associacao-como-instrumento-de-transformacao-social-e-seus-elementos-constitutivos-de-acordo-v1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DEEPASK. **IDH Municipal: veja Índice de Desenvolvimento Humano por cidade do Brasil-Mucambo-CE**. Disponível em: <<http://www.deepask.com/goes?page=mucambo/CE-Veja-o-IDH-Municipal---indice-de-desenvolvimento-humano---do-seu-municipio>>. Acesso em: 31 out. 2017.

DIAS, Vanessa Tavares. **O papel do SEBRAE na formulação e na execução de políticas públicas para os APL**. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT27-44.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.

FERNANDES, Karina Ribeiro. **Constituição de redes organizacionais como nova forma de gestão das organizações do terceiro setor**. Disponível em: <http://eduardobarbosa.com/sitedata/filesdt/textos_tecnicos/10/gestao3.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015.

GOVERNO DO CEARÁ. **Desenvolvimento Local. Projeto São José**. Disponível em: <http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/desenv_local/gerados/des_local_projetos_aojose.asp> Acesso em: 05 fev. 2018.

IBGE. **Mucambo**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/mucambo/panorama>>. Acesso em: 31 out. 2017.

LE MOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce**. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas). Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2011.

LÓCIO, Aprígio Botelho; POMPEU, Gustavo de Ipanema. **Artesanato Cearense: Mudança de Posicionamento Estratégico do Assistencialismo para o Empreendedorismo Disponível** Em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2006/aprigo.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

MANCE, Euclides André. **A Revolução das Redes de Colaboração Solidária**. Disponível em:<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/A_Revolucao_das_Redde_de_Colaboracao_Solidaria.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MENDONÇA, Cristiane Maria O.; MIRANDA, Rodrigo Oliveira; FERRAZ, Serafim Firmo S. Empreendedorismo social e a geração de recursos próprios em ONGs cearenses. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 13, n. 2, p. 105-132, 2015.

OLIVEIRA, Edson M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – novas introduções. **Revista FAE**, Curitiba, v.7, n.2, p. 9-18, jul./dez. 2004.

OLIVEIRA, Edson M. **Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias**. 2003. 538 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Direito, História e Serviço Social da UNESP, Franca, 2003.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

PESSOA, E. **Tipos de empreendedorismo: semelhanças e diferenças**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/tipos-de-empreendedorismo-semelhanças-e-diferenças/10993>>. Acesso em: 21 out. 2017.

PORTAL DE PESQUISA TEMÁTICAS E ORGANIZACIONAIS. **IDH - Índice de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/o_que_e/idh.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises. **Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12203>>. Acesso em: 21 out. 2017.

SANTOS, Olga Maria dos. **Empreendedorismo social em associações artesãs de uma cidade do Nordeste**. 2015. 77f. Dissertação (Mestrado em Administração) -Universidade Potiguar, Natal, 2015.

SANTOS, Thiago de Sousa et. al. **O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local**. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SECRETARIA DO TRABALHO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Estado do Ceará**. Disponível em:<<http://www.stds.ce.gov.br/index.php/programa-de-desenvolvimento-do-artesanato-do-estado-do-ceara/ceart>> Acesso em: 05 fev. 2018.

SILVA, Amalin Vieira da. **Como empreendedores sociais constroem e mantêm a sustentabilidade de seus empreendimentos**. 2009.112f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2009.

STRABELI, José. **Associação é para fazer juntos**. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2011. Disponível em: <
http://www.iieb.org.br/files/3313/5215/3917/public_ieb_associacao_juntos.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.

TEIXEIRA, Enise Barth. **Pesquisa em administração**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. (Coleção educação a distância. Série livro-texto)